

O XUÃO

SEMANARIO DE CARICATURAS E HUMORISTICO: CAR TURISTA
SILVA E SOUZA

DIRECTOR E PROPRIETARIO: ESTEVAO DE CARVALHO
SECRETARIO DE REDACAO: JULIO DUMONT (ORLANDO)
COMPOSTO, IMPRESSO E LITHOGRAFADO: INVENTURA L. COBRE, SAO PAULO - 1780A

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA ATALAYA-1288 LISBOA

ASSIGNATURAS:
ANNO 1200 REIS
SEIS MESES 500
TRES MESES 300
NUMERO AVULSO 20 REIS
DIRECÇÃO: LISBOA, P.º COMMERCIAL

ANNO 2º N.º 79

Terça feira, 31 de AGOSTO de 1909

VERDADEIRA ADMINISTRAÇÃO ESTRANGEIRA



ENTRAE MEUS SENHORES QUE ISTO JÁ E NOSSO

Portugal e Marrocos

Os factos recentes de Marrocos devem impressionar os politicos e os historiadores.

E devem-nos interessar, porque elles provarão á saciedade que certos povos que conservam as suas virtudes primitivas são menos assimilaveis para a civilisação do que outros, e tambem mesmo por isso são mais resistentes e menos facéis de serem vencidos.

Provarão mais que os estrangeiros terão de dar sempre aos calcanhares, desde que encontrarem na sua frente um povo cioso de sua nacionalidade, um povo fortemente solidario e unido, disposto a deixar-se morrer com as armas na mão, e a espada desembainhada ao sol das batalhas.

E os factos historicos recentes d'esse povo rude, selvagem mas terço, heroico, aguerrido, ahí estão bem manifestamente a confirmal-o.

O sultão legitimo de Marrocos era um dinasta amigo da civilisação, do progresso, e das artes sabias, illustradas e doudas da Europa douda e subtil.

Pretendeu abrir-lhes as portas, tanto a elles como aos seus livros, aos seus sabios, aos seus industriaes e aos seus inventos europeus.

Desejava fazer sahir o ancestral e bravo Marrocos da sua barbaria arisca e tradicional.

Pretendia entrajal-o á moderna e á europeia, dar-lhe uma civilisação mais economica e pratica, e até mesmo, por que não?... dar-lhe tambem os confortos emolientes e suaves, que agradam ao refinamento dos sentidos.

A França, a Inglaterra, e a Hespanha, mostraram proteger abertamente este sultão, mais os seus planos generosos, e isto que deveria talvez ser a sua gloria e o seu exito pontifical — porque um grande chefe mahometano é sempre chefe guerreiro e Pontifice — foi positivamente a sua perda e a sua derrota.

Os indigenas marroquinos, tanto pelo fanatismo do seu culto e dos seus ritos, como por odio ao Estrangeiro, que para elles é o *Barbaro*, o *Corrupto*, o *Hereje*, o *Usurpador*, pronunciaram-se contra o sultão e fomentaram contra elle um forte movimento nacionalista.

O sultão actual, Muley-Hafid, foi a cabeça visível d'esta aguerrida insurreição *chawinista*.

Insurgindo-se contra o seu proprio irmão, e fazendo se o chefe ostensivo da *Revolta Sagrada*, a patria marroquina reconheceu n'elle a encarnação viva da sua alma antiga mourisca, barbara, livre, e odiando sempre, figadalmente o Estrangeiro.

Mas o Estrangeiro perfido, astuto, diplomatico, subtil, comprehendendo que se não pode lutar com exito contra uma patria inteira, que compacta e valente oppõe ao jugo extra-

nho uma viva muralha macissa de carne e osso, mudou de tactica, e apoiou o sultão rebelde, o sultão demagogo, o sultão nacionalista, porque conheceu que n'elle é que residia toda a força d'essa patria inteira, que não queria morrer ainda!

Ora a todos que nos falam em administração e *tutela estrangeira* direi que se Portugal tivesse ao menos metade d'aquella solidariedade barbara e primitiva, mas tão aguerrida, contumaz e bravia de altive nacional de Marrocos, os Estrangeiros respeitarnos-hiam mais, e os nossos dirigentes deveriam arrecear-se de lutarem frente a frente com os reaccionarios, em *campo raso ou estacada*, porque se morressem ou fossem vencidos, morreriam como homens intrepidos e livres, e não da morte vilã e soez dos cobardes!...

Os antigos diziam:— *Jove ama os Vencedores, mas Catão os Vencidos!*

GOMES LEAL.

CHRONICA

Não ha a menor sombra de duvida que o regimen e o reaccionarismo andam com uma *macaca* de todos os diabos.

Emquanto os seus órgãos esfusiam insidias contra os liberaes, o acaso vae-lhes respondendo com factos ateradores.

O longo cadastro do famoso 3527 que a liga monarchica correu do seu seio como se corre um tinoso nojento foi um verdadeiro terremoto para a reacção.

O *Portugal* gabava-se de ter a collaboração do 3527 como tinha a do policia 854 que lá mataram por... desastre.

Afinal descobre-se que o 3527 tem uma chronica muito digna de figurar na galeria dos criminosos celebres.

O jornal do Pelourinho parece não ligar muita importancia ás medonhas revelações que o *Mundo* publicou, mas na consciencia publica echoou de tal forma esse cadastro ignominioso que ainda os mais devotados monarchicos perguntam a si propios se não devem afastar-se de tão pestilenta companhia.

Vejamos os feitos mais conhecidos da *macaca* que persegue a reacção:

O centenario de Santo Antonio promovido por uma alta dama que obrigou a clericalha a fugir com uma perna no ar;

O caso do convento das Trinas e do Rego;

A caça aos padres provocada por elles propios;

A tentativa de rapto da filha de Calmon no Porto;

E por ahí fóra uma serie de desastres até chegar á morte do policia 854 na redacção de um jornal jesuitico,

aos beijos do padre Mattos, na sacristia da igreja d'Ajuda e agora á descoberta da alta e honradissima personalidade do 3527, assiduo collaborador dos pasquins reaccionarios e orador estimadissimo da propaganda do regimen.

E' *macaca* e grande.

Se não mandam pedir para Roma a benção papa! ou qualquer bispo ou patriarcha não acode a expulsar o diabolico enguiço ainda chegamos a vêr a reacção posta na espinha e feita succursal do palacio do conde de Andeiro.

D'esse palacio ou d'outro que está lá para os lados de Campolide.

INCOGNITO.

Dizem-nos de Mellila que já morreram todos os riffenhos existentes e por existir.

Não ficou nem a semente.

E' demais

Está tudo n'uma paz podre. Nas repartições não está ninguém.

Foi tudo para as aguas, para os banhos!

Nunca vimos paiz onde a gente se lavasse mais e onde houvesse tanta porcaria!

E tanto porcalhão! é bom accrescentar.

Verdades Cruas

Encontra-se publicado o n.º 25 d'estes magnificos pamphletos devidos ao notavel escriptor revolucionario Gomes Leal, sendo o sub-titulo *Cartas á Senhora D. Amelia — O Macaco Azul na Ilha dos Piratas*.

Recommendamol-o aos nossos leitores, pois é interessantissima a prosa demolidora do eximio pamphletista.

Parece que os taes *meninos* que queriam o monopolio da venda do vinho achataram o *béque* e foram de vendas á torneira.

Pouca sorte.

Subiu-lhes o vinho á cabeça antes de tempo.

Cartas sem estampilha

Pam — Tenha paciencia! Vae a pouco e pouco.

D. Chicote — Idem na mesma data.

Ali-Babá — Perdeu se o que mandou. Desculpe.

Nomór — Então. Está na muda?

De Lisboa sahiram para o estrangeiro na semana finda perto de cinco mil caixas de tomates.

E' por isso que o *Zé* os não tem.

Animatographo... vivo

Dizem os jornaes que os hespanhoes teem luctado em Mellila com a falta de transportes.

Não ha cavallos, nem camellos, nem burros nem nada.

Pois nós pediamos exportar asnos com fartura.

Alli em cima no Largo do Quintelia no *fungagá* do 3527 é pedir por bocca.

Até faziam favor
Os amigos hespanhoes
P'ra lá levando o melhor,
Porque esse como o peor
Não vale dois caracoos.

Da comica *Palavra*, jornal jesuitico do Porto, referindo-se a Lourdes:

"Encontram-se actualmente aqui mais de trinta portuguezes, quasi todos chegados ultimamente, entre os quaes o nobre e venerando conde de*** que tanto concorreu para tornar conhecidas no nosso paiz as maravilhas de que esta cidade ha cincuenta annos é theatro."

E' theatro...

Elles é que o dizem e aqui não se desmente ninguém. Apenas se acrescenta que é theatro e de *alta comedia*.

Lá curam-se os máis descrentes
Só da aguinha com um 'sguicho;
Até vão p'ra lá doentes
Ensaíados a capricho...

Uma das maroteiras mais desvergonhadas é o infame monopolio dos moços de fretes na estação do Rocio.

Aquelles figurões que lá estão com o rei na barriga, como ninguém pode chamar um moço de fóra, levam couro e cabello ao pobre passageiro.

A propaganda do descredito de Portugal naturalmente é que inventou aquelle syndicato gallego e o dito, mendonça e costamente falando, tira todo o partido de tão descaradissimo abuso.

Quem tiver malas ou bagagens para conduzir não pode chamar quem muito bem queira, mas ha de dar o seu dinheiro aos carregadores fardados que pedem exorbitancias por qualquer frete.

Vae bem a companhia real consentindo essa pouca vergonha.

Quem conseguir o favor
De ser moço da estação,
De certo vive melhor
Que qualquer conde ou barão.

Abicha o melhor das postas
Sem temer triste fadario:
Co'a mala da mão ás costas,
Ganha mais que o necessario.

Vae ser apresentado um projecto regulamentando a batota.

Não temos nota mas parece-nos que com este já é o decimo millionesimo projecto sobre o assumpto.

A final, tudo como d'antes. A batotice faz parte integrante cá d'esta leria.

Que, verdade seja, ha sua razão.
O que é isto tudo, desde o regimen ao resto, senão uma batotice pataqueira?

Não é paiz d'uma canna,
E' sómente um panno verde
Da batotice magana,
Mas o Zé, pobre parrana,
E', coitadinho! quem perde!

O João-Franco-Maura de Hespanha não consente que os jornaes escrevam senão o que elle muito bem quer.

Ao mesmo tempo vae mandando fusilar

a torto e a direito os infelizes que lhe cahem nas unhas.

E estamos nós em pleno seculo vinte e ainda se consentem Mauras e Joões Francos em paizes civilisados, onde se fala lingua de gente.

Quasi que pedimos a Nossa Senhora d'Agrella para nos transformar em riffe-nhos!!!

Sem receio das viagens,
Nem temer amargos trocos,
N'essa questão de selvagens
Nós vamos até Marrocos.

ORLANDO.

O suncio da liga monarchica 3527 não bateu esta semana em ninguém.

Não se assumem que aquelle bicho é de raiva-mansa.

Até grita... ó da guarda!

Um alvitre

Só falta o João Franco, pois de resto Está tudo como quando elle governou;
Em leis o que era mau p'ra ahi ficou,
Ninguém deu coisa nova ao manifesto!

Contra tal *vida* é pois justo o protesto
E quem ha pouco tempo inda mostrou
Que o civico dever não olvidou
Tem que acabar com isto já bem lesto...

Metter n'um calhambéque a reallea
Que o povo collocou na pendureza,
A' pôpa a c'rôa, á prôa a reacção.

Mandal-os d'encommenda ao mata gatos,
Que fique cá somente o Padre Mattos,
Que é p'ra nos dar bonecos p'ró Xuão!

PICHIRINÉE.

Então quem foi a final que palmou os cartuchos emballados da alfandega?

Alli nó Pelourinho era uma carreira de tiro e ás vezes... pode ser que... por engano ou desastre...

Era de esperar

A final o registro civil obrigatorio, reforma do juizo de instrucção criminal, etc., todas as reformas liberaes só serão discutidas lá mais para o verão!

Mas para que diabo esteve *aquillo* aberto tanto tempo?

Bolas!

Noticiam de Lourdes, a apregoadá terra dos milagres para inglez vêr:

«Um dos peregrinos portuguezes veiu supplicar a Nossa Senhora de Lourdes a sua cura ou, ao menos, lenitivo para os seus soffrimentos. Atacado ha muitos annos de rheumatismo gotoso que lhe causa dôres insupportaveis e o impossibilita de andar, lá é conduzido todos os dias em piedosa romagem no seu carrinho.»

Ha tantos annos atacado a pedir á santa e ainda anda de carrinho.

Ora bolas pr'á santa, para não dizer o que dizia um antigo procurador já fallecido.

Pouca sorte!

Esta vida com franqueza
Para que serve não sei;
A algebeira... sempre *teza*!
E creiam, tenho a certeza
Que jámais feliz serei.

Aos leitores vou narrar
Uma celebre *partida*
Que me fez arrelpiar
E que vos passo a contar
Por ser algo divertida.

Certa beldade formosa
Rechunchuda, mui roliça,
Com um rôsto côr de rosa,
A valer appetitosa,
Ha dias eu vi na missa.

Ao vêr-me poz-se a sorrir
A sujeita nada má,
Sensações fez-me sentir...
E da capella ao sahir
Disse para mim: *Anda cá!*

Fiquei bastante admirado
E atraz fui, aos tropelões,
Mas deixou-me ella *achatao*
Quando me disse: Adorado.
Dá-me cá cinco tostões!

D. SELIDON.

Não ha por ahi algum roubo, chinfrim grosso ou cousa que o valha para a nossa esperta policia se celebrar?

Sôr Redaitor

A' hora ca vomecê arreceber esta já é vou mal a familia a caminho do senhor da Serra. Vamos todos ambos e quaitro, vae a burrica da minha cachópa, vae ella, vou é e mal o mé jumento

Vamos lá paçar os dois dias e tudo.

Pro via diço a minha cachópa arranhou um franel, cá nos avêmos de vêr atólitos para dispjar os mêes alforges. Canto a vinho merca-se lá, ca é bom e varáto.

O's pois le mandarê adezer ca tal foi a festa e ca tal tiveram os bailaricos.

Ali dizen-me cacóde muntos cazacas da cedade sê é pilhasse lá algum milistro é ca calhava ben, p'ro ca le pedia um logar di inspretor da caza dos acentos (cóm sua lecença) do hospital de San Jose, pra é alemistrar aquillo de manêra ca os doentes prigosos ca istan p'ra morrer, nan istaren ali tanto tempo a ispera.

Mal comê ia dizendo óspois da festa, em vez de ir pra riba prá minha fazenda vou intê a cedade, pranto a cachópa a mal os jumentos na istalage e voule fazer uma vezita, mêmo pro ca como nan posso ir á toirada d'Algés, quero entravistiar o Sor Baptista Diniz sobre ca tal elle se deu com aquella coiza dos toiros.

Acêfe pois muitas saodades minhas, mal da cachópa, e até, terça fêra se Deus for servido.

Deste sê amigo
MANOEL CEGUINHO.

Olliveirinha da Ronha, logar da Fronha,
28 8-909.

ESPECTATIVA BENEVOLA



O jesuita tem armas
Hypocrita, vil, damninho
Mas também o Zé Povinho
Não se encontra desarmado;
Tem a força da vontade
Com honestidade grimpa
Porque tem a vida limpa
E a Liberdade ao seu lado

Receiam ambos a luta,
E por diversas razões
O Zé receia as prisões
E os ataques do velhoaco:
A maldita clericalha,
Que às vezes se faz pimpona
Receia aparhar tapona
E levar p'ró seu tabaco...

Portugal grande guerreiro,
O velho brio ressuscita,
E ao vê o jesuita
Ease nojento villão
Anima o pobre Zé Povo
Que já está doído mortinho
Por desancar o focinho
Ao marmarro refilão.

Vamos, Zé, faz-te valente,
Recorda o tempo passado,
Em que foste um povo ousado
Um heroe sem ter igual!
Derruba o padre farçante,
Essa negra ave agoureira,
Levanta a nossa bandeira
Demonstra que és liberal!

COMISSÃO DA VERDADE

Porto, 27-8-09.

— Que tens, Nicolau, que andas tão triste? Creio que nada te falta? Tens uma riqueza fabulosa, uma mãe estremeçada que te acarinha, palacios deslumbrantes onde os criados te servem pisando as mais finas e ricas tapeçarias e adivinhando os teus desejos para te poupar a manifestal-os, bellos carros de luxo puxados por soberbas parellhas ricamente ajaezadas, automoveis dos mais afamados auctores, em summa: reunes em volta de ti o bello e o sublime em toda a sua pujança e magnificencia!

Parece que denoto no teu olhar os vestigios de um soffrimento moral? Mas, porque? Agora que justamente dentro em pouco vaes ter a suprema ventura de possuir por tua esposa uma dama da mais nobre linhagem da nação mais rica e poderosa do mundo, a quem darás os titulos e brazões que reunirás aos d'ella, cujos descendentes farão a admiração e o respeito das gerações vindouras?!

— Effectivamente, alguma cousa soffro, João, mas é moralmente. Presinto não sei o quê, em tudo isto que se prende com o meu consorcio.

— Mas então Nicolau, não comprehendo! De certo que vaes ser muito feliz amando tua esposa com todas as veras da tua alma e ella corresponder-te-ha egualmente!

— Assim o deveria esperar, mas é que...

— Ah! comprehendo agora, Nicolau. Ainda a não amas e receias que jámais a amarás em tempo algum?

Nicolau meneou levemente a cabeça, mas não proferiu uma unica palavra.

— Receias que o teu casamento, feito e movido só por altos interesses politicos, bem longe de constituir a tua felicidade seja antes um martyrio constante para ti?

N'esse caso ja te dou razão, Nicolau. Tu tens dezoito annos apenas; estás na idade em que pela mente nos passam as primeiras alvoradas do amor, nascidas de fagueiras esperanças idealizadas em sonhos d'uma ventura infinda dimanada da nossa inclinação. O amor n'essa idade é ingenuo e santo. Contrario é levar o soffrimento á existencia onde a sua chama crepita. E' como a avesinha que prefere o campo voando livremente, onde possa amar tambem, livremente, embora passe dias de frio e fome, ao captiveiro da gaiola agasalhada e bem provida nos comedouros.

A felicidade é constituída pelo bem-estar moral e material da existencia, e quantas vezes esta é incompleta por falta do primeiro. Poderás casar, não ha duvida, cedendo materialmente a altas conveniencias politicas e diplomaticas, e poderás mesmo encontrar em tua futura noiva as qualidades essenciaes de boa esposa e mãe; mas, não é isso o bastante. Aquella a quem dentro em pouco vaes ligar-te por laços insolúveis e sagrados deveria ser a que te tivesse entrado lentamente no coração attrahida pela chama d'um amor mútuo, espontaneo e livre; e esse amor immaculado e bello seria como que a bandeira de paz erguida entre ti e ella, evitando sempre manifestações mais ou menos desabridas nos momentos de mau humor. As palavras proferidas mais seccamente seriam sempre tomadas na melhor das intenções, sem resentimentos nem intuito de offensas, porque o amor as suavisaria. E depois tambem não ha a certeza de que dentro d'aquelle fragil peito de mulher que pretendem dar-te por noiva possa ter guardada o amor que por ventura possas um dia consagrar-lhe.

Ella, agora cederá tambem a suggestivas conveniencias accetando te por marido; sêcca, friamente, sem aquella affectividade d'alma que tanto nos seduz e domina.

Ah! como é bem justa a tua apprehensão, Nicolau! E vós, nobrezas e oligarchias de castas, para que vos apraz lançar duas almas n'uma lucta cruenta de incertezas, obedecendo a preconceitos de classes e velharias egoistas verdadeiramente des-humanas, unindo-as sem a natural inclinação do amor? Para que as não deixam, ao menos, ter liberdade no amar? Ah! Liberdade! Como poderá dal-a então em tempo

algum ou querel-a para os outros quem nunca a possuiu nem conheceu os seus consoladores effectos em toda a sua grandeza? Ha de odial-a sempre e consideral-a um objecto nocivo.

STYL.

O lagartinho das areias do Pelourinho diz que os republicanos puzeram Portugal á beira d'um abysmo.

A santa inquisição é que, desde o idiota D. João III, o poz em bonito estado.

Verão

O Wenceslau, se não vae com o D. Manuel ao estrangeiro, estoira, rebenta, faz pum... pum.

Aquella mania dos penduricalhos ainda lhe ha de dar na cabeça.

Em Barcelona estão suspensas as garantias até á completa pacificação.

Cá n'este torrão, onde reina uma verdadeira paz podre, estão suspensas *per omnia seculo seculorum*.

Este mundo...

Ao Adriano "Heraclito."

Amigo, ser-se honesto?... Em consciencia Quanto melhor não fóra ser tratante!... Basta vêr por ahi qualquer birbante P'ra admirar da moral a incongruencia:

Elle é charuto, joias, insolencia, Que de tudo dispõe a seu talente... E tu, meu pobre cavalleiro andante?... Triste figura, sempre dependencia!

Eu creio que haverá consolação, Em erguer-se a cabeça nobremente, Em não ter nódoas d'esse grande enxuro...

Mas o mundo respeita-o; o figurão Leva n'um sino a vida alegremente... Emquanto tu apanhas pés de burro!...

FREI GARANHÃO.

Os jornaes monarchicos estão com pressa de que se resolva a questão dos *adeantamentos*.

E' melhor, é. Abram o caminho para... outros.

Declaração

Eu sou *teso* como um *teso*
Mas essas *lerias* facetás
Voto-as todas ao despreso.
.....
Mas não ganho p'rás lunetas!

3527.

Diz o *Mundo* que o 3527 da Cova Funda do largo do Quintella já esteve preso por sete ou oito vezes.

Por isso a labia do melro tresandava tanto a giria do Limoeiro!

Anafados, gordos e roliços como os porcos do Alemejo, os pés enormes dentro de sapatos sem fim e o ventre incommensuravel rebentando na tortura do collete — vejo todos os dias passar legiões de reverendos chegados de fresco não sei d'onde, livres da tutela da ama que não vê com bons olhos estas escapulidelas da aldeia. Para onde vão? Que ventos trouxe? Como se resolveram a abandonar o aconchego criminoso do lar, as carinhosas sopas, a busca patriarchal com o boticario que o pésinho complacente da ama obriga a jogar horrivelmente, a sonéca nocturna — todo esse perenne cortejo de venturas? Quem os arrancou da pacata existencia que levavam, longe da pouca vergonha da cidade, longe da tentação dos *pschii*! que cahem das janellas com persianas discretas e dos obnoxios amores e manifestações correlativas?

O verão, o sol, a ancia de mergulhar nas salsas ondas, a necessidade de um exercicio salutar...

São esses reverendos inoffensivos. Não produzem mas tambem não atrazam a marcha inquietadora do progresso. Convictos de que a devoção se ha de perpetuar até á extincção do derradeiro imbecil, vão atravessando tranquiillamente esta vida, sob a philosophia do "não te rales,, agarrados ao optimismo do doutor Pangloss.

Pastores cheios de bom humor e apegados á existencia como um naufragador a uma táboa, as suas ovelhas não tremem deante do inferno. Como poderiam elles tornar ruim um Deus que fez tão bellas uvas, tão excellentes petiscos, tão confortaveis moçoilas?

Depois vem o segundo typo de reverendos, os fanaticos, os convictos que, na sinceridade da sua crença idiota, arrastam para a treva d'onde vieram os corações fracos e devotos. Imbecilizados até á mais afastada cellula cerebral, deixam a familia e o lar e vão atraz de uma utopia — a suprema felicidade n'um mundo desconhecido, conquistada a murros no peito, pontapés na carne que os chama para o goso e jejuns prolongados, que, um bello dia, os atiram para a cova onde a vida se extingue e aquella luz, aquelle *je ne sais quoi*, que julgavam vêr transplantado um dia para o reino celestial, se apaga para sempre, como um rutilante facho de luz mergulhado no oceano do sono eterno...

Por ultimo temos os mais perigosos, os que teem na mão os fios da mentira religiosa, os que sabem aquilatar a pureza das almas pela quantidade de predios dos devotos e põem, na hora extrema, em troca de legados ás congregações *piodosas*, o contraste da felicidade permanente, á mão direita do Deus Padre Todo Poderoso.

Os jesuitas! A seita negra! Os inimigos da luz! São estes que devemos enxotar, a golpes de verdade, — porque elles nos trazem a treva, a miseria e a desolação, todos os infortunios que receiamos n'estes dois dias em que vamos subindo, tropegos como cêguinhos, a aspera encosta da existencia.

RAFAEL.

Ao pianinho

Quando um dia se enterrarem Os mortos da Magdalena E' que abicha a pennachada O liroso Pae Viihena.

Não chores mais, qu'rido filho, Que nos matas d'afflicção; Mesmo se o Wenceslau cae Não vaes prá situação.

Sonhei que o *bondoso* Franco Nos voltara a governar Ainda *mais liberal* Que quando entrou a matar.

DR. SULIPANTA.

Passes... de peito

Ora venha cá, seu Zé afficionado. Tire o dedo do nariz e dê-me só um bocadinho de atenção.

Você não tem emenda?

Então um zé lirozo, um zé que põe uma gravata, que calça guantes e aluga uma almofada para não sujar os *pantalones*, faz os disturbios que você fez na quinta feira, no Campo Pequeno?!

Por que pagou os bilhetes mais caros, por que um cavalleiro se ausentou da praça e não quiz tourear outro touro, interrompe-se um espectáculo, impede-se que se corram dois touros e desfeiteia-se os outros artistas que nada tinham com o caso!

Que o curro não valia nem os preços d'Algés é uma verdade.

Que o sr. Victorino Froes não se devia ter ausentado, tambem é verdade.

Que a empreza devia ter tido mais cuidado na escolha do curro e não se fiar em informações, concordo.

Agora que gente de gravata arme em garotos de purria e corra a almofadas o intelligente e os artistas que estavam na arena, no cumprimento do seu dever, e que é d'uma estupidez que só você e mais ninguem era capaz de commetter.

Não lhe quero coarctar o direito de manifestar o seu descontentamento; mas debaixo de ordem.

Berrasse, assobiasse, saltasse inclusivamente á arena, mas não atirasse cousa alguma aos outros artistas, nem partisse cadeiras e tudo que encontrou á mão.

E' impossivel que estivesse em teu juizo!

Só ha um meio de te corrigir.

Não haver corridas de touros depois do jantar e acabar com as almo-fadinhas.

Na pedra, na pedra; o pae do Céu tambem se sentou na pedra fria!

O curro foi a peor peste que este anno alli entrou.

Disse a Rosa da hortaliça, que vende na praça, que o sr. Affonso de Souza tinha adquirido os dois touros que couberam a Victorino Froes no Cardoso dos bonecos, da rua da Bitesga.

E eu acredito! Pela bravura e pela côr, pareciam de papelão.

Em todo o caso, se não vimos uma boa corrida ao menos vimos todas as fórmas e recursos para fazer marrar aquelles chibatos.

A Bienvenida se deve o *fiasco* não ser maior, pois que com os seus grandes recursos conseguiu alegrar a lide

E' justo citar Manuel dos Santos que com o capote esteve diligente e acertado, Theodoro e Cadete que nos mostraram como se põem bandarilhas em doutores das lezirias, Perestrello e Mascarenhas, que se fartaram de mascar para poderem fazer boa figura com um malessão de Ex.^a e os restantes artistas que entre si perguntavam se não haveria troca de guia dos caminhos de ferro e se aquella cousa não era para o Matadouro, com escala por Algés.

Jayme Henriques foi injustamente alvejado, porque, a meu vêr, fez-o que devia fazer.

Pedi a Bienvenida para ceder o touro d'elle para Victorino Froes.

O *sympathico diestro* accedeu ao pedido, e quando Jayme Henriques mandou avisar Victorino Froes, já este senhor se havia ausentado.

Que fazer pois?

Mandar seguir a lide.

Foi o que elle fez.

Mas tu entendeste o contrario e mostraste mais uma vez que és a eterna cavalgadura a quem assenta admiravelmente nos costados o chafalho judicial.

Os Casimiro

Para reaparição dos cavalleiros Manuel e José Casimiro, prepara-se uma grandiosa corrida, em que tomam parte elementos de primeira ordem, podendo já annunciar-se como certa a vinda de tres *diestros* de alta categoria. Outros elementos serão opportunamente annunciados.

Thomaz da Rocha

Thomaz da Rocha, este *sympathico bandarilheiro*, está organisando a sua corrida que se realiza no domingo 12, a capricho, tendo já contractado um espada que pela primeira vez pisa o redondel do Campo Pequeno, sendo em Hespanha muito apreciado o seu trabalho.

Tomam parte os cavalleiros Casimiro e os principaes collegas do beneficiado.

ZÉ DA HERDADE.

Batalha de rimas

Os amadores d'esta secção devem estar impacientes e com razão. Tenham paciencia e esperem, que *quem espera sempre alcança*.

Ahi vae o ultimo mote, ficando definitivamente encerrado o *monumental* concurso do *Xuão*:

MOTE

De pomadas e *cosmetico*
Não gosta a minha *Escolastica*.

GLOSA

Sou d'ella muito *amantetico*,
Por ser em tudo *economica*,
Pois não gosta, sendo *comica*
De pomadas e *cosmetico*.
Direi mesmo, sem ser *sceptico*,
Que tem uma linda *plastica*,
E teria na *gymnastica*
Elogios em *opusculos*:
Mas... de exercicios de *musculos*
Não gosta a minha *Escolastica*.

ROSEJANO AMORIM.

Theatradas

Furibunda e crespá, escreve-nos D. Urraca da Santa Consolação, socia de merito d'uma liga monarchica e irmãinha dos... pobres, a quem faz todos os favores que lhe pedem,

queixando-se da troça que nós fazemos ao padre Mattos.

«E' um bom homem, um padre teso e direitinho como os mais direitos», affirma a D. Urraca.

Como não temos por habito desmentir ninguem, parece-nos que a devota senhora deve já ter experimentado as tesuras e endireitamentos do famoso padre, collega de redacção do grande ex-3527, por alcunha Campos Ferreira.

Antes confirmamos a devota opinião, porque nunca vimos o beatifico rabiscador da folha do Pelourinho deixar de escoucear no pasquim do mata-policias.

Mas tome a D. Urraca cautela com o *di-reitinho*, não seja o diabo surdo que se veja a contas com algum *néné*... abandonado como o pobre Albino de Ervidel.

Tambem nos diz a *santinha* que já foi á Trindade vêr a revista *O Paiz do vinho* e que até se benzeu por vêr lá tanta gente a dar palmas ás piadinhas frescas.

Pudera!

Talvez quizesse que fossem para os Martires bater nos peitos ou para a Ajuda apañhar beijocas do *moralista do Portugal*.

Alli na Trindade diverte-se a gente, porque a revista é de primeira ordem e só encontra competidora na

Rua dos Condes que tem tido successivas enches com a bella revista de *Abelha mestra*, do Celestino, com musica do inspirado maestro Luz Junior.

Além d'isso tenha a D. Urraca da Santa Consolação a plena certeza de que muda de opinião a nosso respeito se fôr conosco á feira da Avenida.

Se, como diz, tem apenas trinta annos e é lourinha como uma virgem de Murillo, verá que se diverte muito mais com a rapaziada do *Xuão* que com a gente do *Portugal*, onde se dão tiros por... desastre.

Vamos juntos ás sardinhas assadas da Maria Botas, comer umas farturas na antiga barraca do Julio e depois ao

Chalet Avenida vêr a bella revista *Em aguas de bacalhau* que está quasi, quasi a ceder o logar á *reprise* da antiga e popular revista *Em hastes limpas*...

Não precisa de benzer-se com certeza e até pôde ir ao

Theatro Chalet assistir a uma récita de outra revista *Na brecha* que tambem é engraçadissima.

Depois ceia alegre, uma passeiada de automovel (alugado já se vê) e D. Urraca da Santa Consolação, se quizer justificar o *pellido*, dê-nos a consolação de um cantinho para lá ficarmos á noite.

Se não tiver camas nós até dormimos enroscados no açafate da costura, como diz a cantiga popular.

No dia seguinte, lá pelas tantas, almoço ajantado e novamente feira que está agora na moda.

Vamos ao

Theatro Etoile vêr a revista *Para grandes males*... e ao

Chalet Lusitano, onde se representa a revistinha *Bombas e petardos* que de noite para noite apresenta novidades.

D. Urraca diverte-se com toda a certeza.

E verá como dentro em pouco manda o pasquim do Pelourinho á fava, o padre Mattos a... qualquer parte e, de socia da liga monarchica, passa a assignar o *Xuão* e a ser toda nossa, muito nossa.

Ao menos não corre o perigo de lhe roubarem beijos nas sacristias nem de ter de partir lunetas aos masmarras.

Isto, sem falar na contingencia de um tiro... por desastre, ou de alguma «amabilidade» do ex-3527 que, na furia de bater em toda a gente, até desaneou a propria mãe.

SECRETARIO.

O patriarcha prohibiu os *çirios* este anno «reservando-se o direito de regularisar de futuro essas romarias.»

Reservando-se o *direito*?!!... O sr. ministro do reino e sr. governador civil, então agora S. Vicente é que manda cá n'isto?...

O QUE É A JUSTIÇA



... É UM POLÍCIA